



INSTRUÇÕES

- Esta prova é constituída por 4 questões, cada uma com o valor de 2.5 pontos.
- Você deve responder às 4 questões na ordem em que figuram na prova.
- A duração desta prova é de 4 horas, sem tempo adicional para correções ou revisões.
- Você recebeu duas folhas de papel almaço rubricadas. Em todas elas você deve escrever seu código, conforme lhe foi atribuído na lista de presença.
- Nenhuma outra marca de identificação deve figurar nas folhas de resposta ou rascunho, sob pena de desclassificação. O esquecimento de colocação do código nas folhas recebidas também implica a desclassificação.
- As questões devem ser respondidas com caneta azul ou preta.
- No decorrer da prova, mais folhas de papel podem ser solicitadas ao aplicador. Todas as folhas de papel recebidas (rascunho ou aquelas não usadas) devem ser devolvidas ao final.

QUESTÃO 1

O escritor francês Antoine de Rivarol (1753-1801) pronunciou, em 1784, um famoso discurso sobre sua língua materna, no qual declarou: “[...] a sintaxe francesa é incorruptível. É daí que resulta esta admirável clareza, base eterna de nossa língua. O que não é claro não é francês; o que não é claro ainda é inglês, italiano, grego ou latim.”. Por sua vez, o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) escreveu, em 1913, que “só é possível filosofar em alemão e grego”. Apesar de muito citadas, essas declarações contradizem alguns pressupostos básicos da linguística contemporânea. Discorra sobre esses pressupostos e como eles contradizem as duas afirmações.

QUESTÃO 2

Todo enunciado indicia, em suas formas linguísticas, a enunciação de que resulta. Leia o texto abaixo, selecione nele marcas de sua enunciação e analise-as fundamentando sua resposta, amparado em uma perspectiva teórica linguística.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Rodovia Washington Luis, Km 235 - Caixa Postal 676
CEP: 13565-905 – São Carlos – São Paulo – Brasil
Telefone (16) 3351-8360 - Fax: (16) 3351-8353
ppgl@ufscar.br www.ppgl.ufscar.br



A DOR DA PERDA

Seis horas de fogo destruíram o acervo do maior museu de história natural da América Latina, criado há 200 anos

O Museu Nacional cerrou as portas às 16h do dia 2 de setembro, um domingo de calor no Rio de Janeiro, e uma hora mais tarde os últimos visitantes deixaram o palácio de 13,6 mil metros quadrados, antiga residência oficial da monarquia brasileira, construída no século XIX na Quinta da Boa Vista, hoje um parque municipal na zona norte da cidade. Às 19h30, funcionários da instituição acionaram o Corpo de Bombeiros. Um incêndio que aparentemente começara no segundo andar ameaçava espalhar-se pelo edifício histórico. Alguns pesquisadores ainda tentaram entrar para retirar material de trabalho, mas o fogo logo fugiu de controle e, às 22h, cobria de cinzas e escombros o maior acervo de história natural, arqueologia e culturas indígenas e africanas da América Latina, composto por mais de 20 milhões de itens.

O incêndio, que ardeu por seis horas até ser extinto, pôs a perder um patrimônio riquíssimo. Cerca de 2 milhões de itens estavam em outros prédios do complexo, e se salvaram. Do prédio histórico, por si só motivo de visita, as paredes externas resistiram, mas boa parte do telhado cedeu, e pisos inteiros colapsaram. É possível que, quando o rescaldo tiver início, resgatem-se objetos preservados em armários mais resistentes localizados em partes menos afetadas do edifício. É grande a torcida para que pelo menos alguns itens de conteúdo histórico e científico insubstituível possam ser recuperados. Entre eles, destacam-se o crânio de Luzia, um dos mais antigos registros humanos nas Américas com cerca de 11 mil anos; os sarcófagos e múmias adquiridas pelo imperador Pedro II; artefatos do reino africano de Daomé doados à família imperial brasileira; uma coleção de objetos resgatados de Pompeia, a cidade romana destruída pela erupção do vulcão Vesúvio há quase 2 mil anos.

(In: Revista Pesquisa FAPESP, Museus em crise, Outubro de 2018, ano 19, número 272, Edição Especial Museu Nacional, seção Patrimônio, p.18-19)

QUESTÃO 3

Um dos fatores responsáveis pela compreensão do sentido global de um texto é o da *intertextualidade*. Segundo Ingedore Koch, “a intertextualidade é um fator de coerência importante na medida em que, para o processamento cognitivo de um texto, se recorre ao conhecimento prévio de outros textos [...] [reafirmando] os intertextos retomados, [reafirmando] os seus conteúdos proposicionais, [e orientando] o leitor para concluir de forma semelhante àquela do texto-fonte.” (Koch, 2005, p. 269; 270). Com base nesta definição de *intertextualidade*, bem como em outras



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Rodovia Washington Luis, Km 235 - Caixa Postal 676
CEP: 13565-905 – São Carlos – São Paulo – Brasil
Telefone (16) 3351-8360 - Fax: (16) 3351-8353
ppgl@ufscar.br www.ppgl.ufscar.br



reflexões linguísticas sobre este fator, analise o fragmento do texto “Eleições: já indo contra a corrente”, de José Ribamar Bessa Freire:

ELEIÇÕES: JÁ INDO CONTRA A CORRENTE

José Ribamar Bessa Freire

Não quebre esta contracorrente, passe adiante. Se você compartilhar com 20 pessoas, em poucas horas o Brasil inteiro saberá. Caso contrário algo de ruim lhe acontecerá, uma mulher muito querida será vítima de feminicídio e serão assassinados um gay no Rio Grande do Sul, um negro na Bahia e um índio no Amazonas. A coisa é séria. [...]

(Publicado em 21 de Outubro de 2018.

Disponível em: www.taquiprati.com.br/cronica/1420-eleicoes-ja-indo-contra-a-corrente)

QUESTÃO 4

A partir da segunda metade do século XX, assistimos ao surgimento ou à consolidação de várias teorias linguísticas que postulam, cada uma mais ou menos ao seu modo, o princípio de que a produção dos sentidos de um texto decorre das relações entre suas unidades e recursos morfológicos, lexicais, sintáticos, enunciativos, textuais e seus elementos e fatores pragmáticos e históricos. Considerando essa afirmação e com base na fundamentação teórica e metodológica de uma ou mais dessas teorias linguísticas, analise as unidades e os mecanismos que atuam na produção dos sentidos do texto reproduzido abaixo:

AGROTÓXICOS NA BERLINDA

Proposta sobre nova regulamentação de pesticidas acirra debate acerca desses produtos, que permitem agricultura em larga escala, mas apresentam riscos ao ambiente e à saúde da população rural.

Uma das maiores potências agrícolas do planeta, o Brasil também se destaca por ser um dos grandes consumidores de agrotóxicos, substâncias químicas ou biológicas que conferem proteção às lavouras contra o ataque e a proliferação de pragas, como insetos, fungos, bactérias, vírus, ácaros, nematoides (parasitas que atacam as raízes das plantas) e ervas daninhas. A venda desses produtos no

país movimenta em torno de US\$ 10 bilhões por ano, o que representa 20% do mercado global, estimado em US\$ 50 bilhões. [...]

O debate sobre o uso de agrotóxicos acirrou-se nos últimos meses em função do Projeto de Lei (PL) nº 6.299/02, aprovado em uma comissão da Câmara dos Deputados em junho. Apresentado em 2002 pelo atual ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, o projeto propõe alterar as regras para o registro e usos de novos defensivos agrícolas. [...]

Fato ou mito?

Mas, afinal, os agricultores brasileiros utilizam excessivamente agrotóxicos? O país é mesmo um paraíso para os fabricantes de defensivos agrícolas? “Somos o maior mercado global de produtos fitossanitários porque temos uma das maiores áreas agrícolas do mundo”, explica o engenheiro-agrônomo José Otavio Menten, da Esalq-USP. “Mas nosso consumo é muito menor do que o da França, Reino Unido, Japão e outros países quando relacionamos o volume de defensivos usados no Brasil com a área plantada ou a produção agrícola.”.

Um estudo elaborado pelos professores Edivaldo Velini e Caio Carbonari, da FCA-Unesp, mostrou que o Brasil cai para sétimo lugar no ranking mundial do uso de defensivos por área plantada e para 13º. quando se analisa a taxa de consumo de agroquímicos pela produção agrícola.

Críticos do emprego intensivo de pesticidas sustentam que, mesmo usando diferentes critérios, o país figura entre os líderes no consumo dessas substâncias, com o agravante de que muitos defensivos vendidos no país não são permitidos nas nações desenvolvidas.

A utilização em plantações brasileiras de defensivos vetados em outros lugares seria preocupante, pois poderia estar contaminando alimentos consumidos no país. Entidades representativas do agronegócio e do setor de agroquímicos negam que isso ocorra. “A comida que chega à mesa dos brasileiros é segura e de alta qualidade”, afirma Reginaldo Minaré, da CNA. “Os defensivos agrícolas protegem as lavouras e garantem que o alimento chegue para o consumo em quantidade suficiente e em condições saudáveis”, complementa Silvia Fagnani, do Sindiveg. [...]

(VASCONCELOS, Yuri. Agrotóxicos na berlinda. *Revista PESQUISA FAPESP*, ano 19, n. 271, São Paulo, setembro de 2018, p. 18-27)